



**O ANTIGO EGIPTO NO ESPÓLIO BIBLIOGRÁFICO DA BIBLIOTECA  
CENTRAL DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO**

Rogério Ferreira de Sousa

2007

## ÍNDICE

1. Introdução
2. Obras de carácter geral
3. História egípcia
4. Biografias
5. Religião egípcia
6. Arte egípcia
7. Arqueologia egípcia
8. Literatura egípcia
9. Filologia, escrita hieroglífica e dicionários
10. Teses de doutoramento
11. Periódicos
12. Literatura e guias de viagem

## 1. INTRODUÇÃO

Na sequência de uma exposição bibliográfica intitulada «O Antigo Egipto e a Egiptologia», realizada nas instalações da Biblioteca Central da FLUP ao longo do mês de Janeiro de 2007, cujo propósito consistia em divulgar ao público da Faculdade o pequeno mas interessante espólio da Biblioteca relacionado com a civilização do Antigo Egipto, surgiu a ideia de criar um documento que possibilitasse ao leitor uma visão crítica sobre este mesmo espólio. De facto, embora um tanto esquecida nos actuais *curricula* das licenciaturas da FLUP, a verdade é que, ao longo do século XX, a egiptologia suscitou um certo interesse nos investigadores da Faculdade, o que se traduziu na aquisição paulatina e selectiva de obras que hoje, embora desactualizadas, têm interesse histórico e até bibliográfico. Embora a merecer uma ampliação e actualização prementes, a verdade é que o espólio reunido pela Faculdade ao longo dos anos traduz, de um modo que já poderíamos classificar de «museológico», o estado dos conhecimentos da egiptologia em meados do século XX. Para além de obras gerais de divulgação, a pequena colecção bibliográfica conta com uma importante selecção de obras nos domínios da Arqueologia, da História da Arte e da Religião. As principais e mais prementes lacunas situavam-se ao nível da Filologia e da Escrita Hieroglífica, uma vez que a Biblioteca não dispunha ainda de qualquer gramática ou dicionário capaz apoiar a aprendizagem dos investigadores neste domínio. Esta lacuna está actualmente ultrapassada e podemos dizer que, neste momento, os alunos da FLUP dispõem dos instrumentos imprescindíveis para dar os primeiros passos no domínio do saber egiptológico. Uma tal atenção justifica-se uma vez que, para além das disciplinas alusivas à Antiguidade Pré-Clássica que constam dos *curricula* das licenciaturas da FLUP, actualmente vários cursos livres no domínio da egiptologia são ministrados no seio da Faculdade. Isto para não mencionar a possibilidade de prosseguir um corpo de investigação que dê origem a novas dissertações de doutoramento.

Agora que um revigorado interesse pela egiptologia começa a despontar, justifica-se uma caracterização do espólio adquirido pela Faculdade, de modo a facultar ao público da Biblioteca Central uma visão crítica acerca dos instrumentos de investigação que tem ao seu dispor. Pretende-se também que este ponto da situação

permita doravante uma aquisição mais selectiva e criteriosa de novo material bibliográfico de modo a constituir um núcleo documental capaz de proporcionar os indispensáveis instrumentos de trabalho para os estudantes e investigadores que pretendam explorar estas áreas do saber. De facto, dada a importância do Antigo Egipto (e das restantes civilizações pré-clássicas) na formação da matriz cultural das civilizações do Mediterrâneo, no contexto da qual se desenvolveram os povos que ocuparam e transformaram o território nacional, parece-nos inquestionável a necessidade de fomentar o estudo e a investigação em torno desta área.

Se estes argumentos não bastassem para justificar um maior investimento nesta área, outras questões relacionadas com o próprio historial da FLUP, e da própria história do Porto, avolumam os argumentos que pelem a favor de uma maior visibilidade das civilizações pré-clássicas, em particular o Antigo Egipto, nos *curricula* das licenciaturas ministradas pela FLUP. De facto, antes da sua extinção em 1928, a Faculdade possuía à sua guarda uma valiosa colecção de antiguidades onde, entre núcleos provenientes da África, Grécia, Turquia, China, Japão, América Central e América do Sul, entre outros quadrantes, figurava um interessante espólio egípcio.<sup>1</sup> É naturalmente uma das responsabilidades da Faculdade proporcionar os recursos científicos que permitam um trabalho de interpretação deste material. Outro argumento relaciona-se, como referimos, com a própria história da cidade. Referimo-nos, em particular, ao século XIX da região portuense, uma época que, seguindo uma «moda» que fazia furor nas elites abastadas da Europa, assistiu ao gosto pela egiptomania, ou seja, o gosto pelo exotismo e pelos pretensos «enigmas» e «mistérios» da civilização faraónica que, ainda hoje, continuam a cativar a imaginação do público menos precavido. É certamente enquadrado neste interesse pelo «exótico» e pelo «mistério» que surgiu um pequeno núcleo egípcio que, tendo sido adquirido pela família Allen, faz hoje parte integrante da valiosa colecção do Museu Nacional Soares dos Reis. Outro pequeno núcleo egípcio reunido pelo coleccionador gaiense Marciano de Azuaga, está também exposto no Solar Condes de Resende, onde, curiosamente, Eça de Queirós partiu, em 1869, rumo ao Egipto, para assistir às cerimónias de inauguração do Canal do Suez. Nesta curta viagem, o autor coligiu elementos que contribuíram para a redacção da *Relíquia* (1887) e redigiu abundantes anotações que foram reunidas numa obra editada postumamente, *O Egipto. Notas de Viagem* (1926). Outras obras como *A Correspondência de Fradique Mendes*,

---

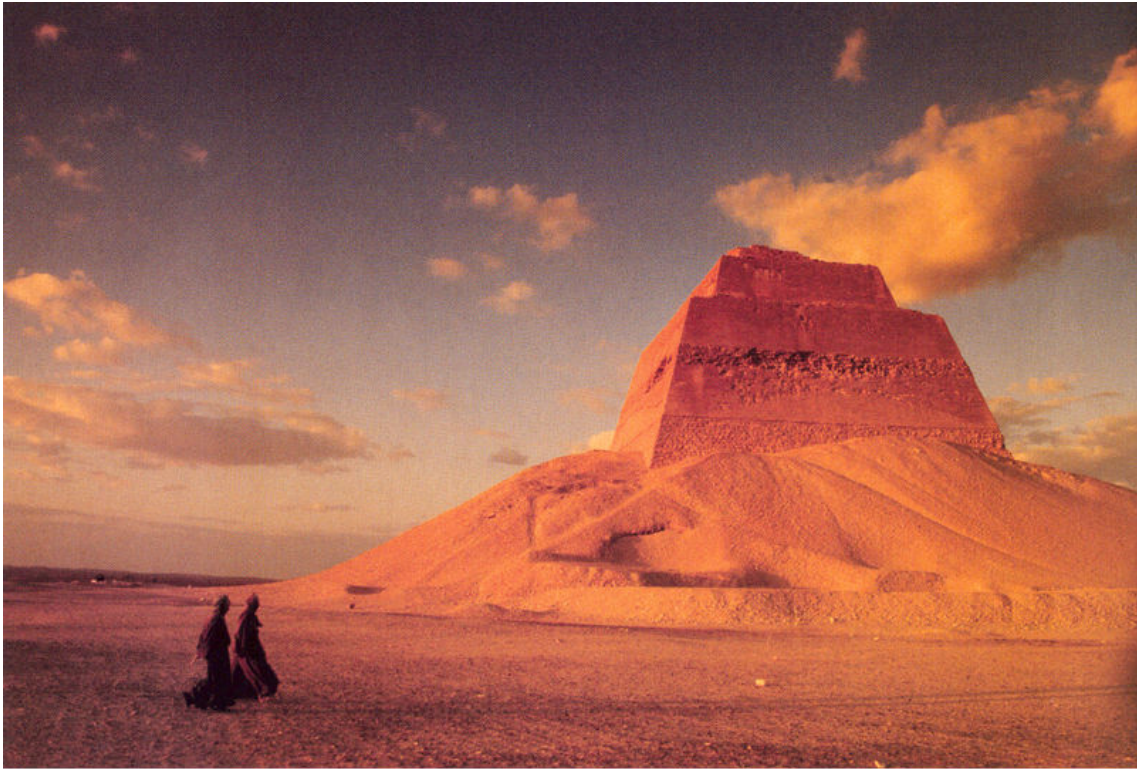
<sup>1</sup> Após a extinção da Faculdade este magnífico espólio foi transferido para a Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, integrando desde então as colecções do Museu Mendes Corrêa.

*Lendas de Santos, Notas Contemporâneas, Cartas de Inglaterra e Crónica de Londres* registam, também elas, rasgos da sua vivência no país do Nilo. Por todas estas razões, vemos que o horizonte do Alto e do Baixo Egípto não está assim tão longínquo das nossas referências geográficas e patrimoniais como, por vezes, absorvidos numa visão talvez demasiado subsidiária da experiência anglo-saxónica, somos levados a aceitar.

Em resumo, com esta breve apresentação do espólio bibliográfico de cariz egiptológico da Biblioteca, procuramos relembrar o papel essencial do estudo das civilizações pré-clássicas e o seu contributo extraordinário para a compreensão do nosso próprio património cultural. Por outro lado, sendo inegável a qualidade de algumas das obras adquiridas pela Faculdade, pretendemos também chamar a atenção dos estudantes e investigadores para o seu valor documental ou histórico. Assim, ao longo das próximas páginas o leitor encontrará as obras distribuídas por secções: história, religião, arte, arqueologia, literatura, entre outras. Uma vez que a ciência é uma construção humana e constitui sempre o resultado de uma experiência pessoal, acrescentámos, sempre que possível, uma dimensão «humana» às obras em questão, proporcionando um curto apanhado biográfico dos autores em questão. Através do percurso empolgante de investigadores, arqueólogos e conservadores, o leitor poderá melhor enquadrar o extraordinário valor humano que, por vezes, se esconde por detrás de um velho livro.

Rogério Ferreira de Sousa

Porto, Setembro de 2007



Pirâmide de Meidum (III-IV dinastias)

## **2. OBRAS DE CARÁCTER GERAL**

Uma parte significativa das obras de carácter egiptológico adquiridas pela Biblioteca possui um carácter generalista. Embora obras desta natureza se destinem ao público em geral, tal não significa que o especialista possa prescindir da sua leitura. Na verdade, alguns destes trabalhos foram desenvolvidos por reputados especialistas que, no auge da sua carreira, apresentaram a um público mais alargado o seu legado científico sob a forma de uma súpula, por vezes simplificada é certo, mas recheada, nas entrelinhas, com o essencial da sua própria pesquisa. Encaradas sob esta perspectiva, muitas destas obras assumem um cunho didáctico que, por vezes, não se encontra nos trabalhos mais vincadamente académicos dos mesmos autores.

Entre os títulos que inventariámos sob esta categoria é, pelas razões apontadas, que destacamos as obras que em seguida mencionamos.

## François Daumas – *La Civilisation de l'Égypte Pharaonique*



François Daumas (1915-1984) contactou desde cedo com o mundo do Antigo Egito, pois o seu pai, morto na frente de batalha em 1914, era desenhador do IFAO (Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire). Através das aguarelas que decoravam a sua casa e de uma visita inesquecível ao Museu do Louvre, Daumas foi tocado pelo fascínio do Antigo Egito. Iniciou-se assim um interesse que persistiria ao longo de toda a sua vida e que conduziu a uma carreira notável. Para além do percurso universitário (que se desenrolou na Universidade de Lyon e na Universidade Paul-Valéry de Montpellier), e director do IFAO (1959-1969), Daumas foi autor de obras de investigação notáveis, como o estudo dedicado aos *mammisis* dos templos divinos.

Embora destinada ao grande público, o livro *La Civilisation de l'Égypte pharaonique* constitui uma síntese notável que reúne em dez capítulos aspectos de ordem histórica, política, social, religiosa, literária e artística. Trata-se de uma compilação invulgarmente rica do saber egiptológico que, por essa razão, tem merecido, ao longo das décadas, sucessivas reimpressões. Abundantemente documentado com referências documentais muito diversificadas, o livro continua a ser uma obra obrigatória para quem se inicia nos domínios da egiptologia e reflecte o esforço de Daumas em perspectivizar a cultura do Egito faraónico no seu contexto mediterrânico, de modo a evidenciar o legado que esta civilização proporcionou ao Ocidente através do mundo bíblico, grego e romano.

**Jean Leclant, Cyril Aldred, Paul Barguet, Christiane Desroches-Noblecourt – *Le Monde Égyptien: les Pharaons* (3 vols.)**

Sob a direcção científica de Jean Leclant, esta obra, desenvolvida em três volumes (infelizmente o primeiro volume não foi adquirido pela Biblioteca), reúne os contributos de uma equipa científica brilhante que marcou a egiptologia ao longo do século XX. A documentação fotográfica é abundante, facultando ao investigador o conhecimento de objectos, pinturas ou construções arquitectónicas que ilustram e apoiam a argumentação redigida.





O faraó Khafré (IV dinastia), Museu Egípcio do Cairo.

### **3. HISTÓRIA EGÍPCIA**

A história do Antigo Egito está relativamente bem documentada no espólio da Biblioteca. Destacamos, em seguida, as obras com especial interesse bibliográfico ou científico.

#### **Alexandre Moret – *Histoire de la Nation Égyptienne***

Este livro é o segundo de uma colecção consagrada à História do Egito que compreende sete volumes. Sendo um egiptólogo de renome, o volume de Alexandre Moret versa naturalmente a história do Egito faraónico. A colecção foi publicada entre 1931 e 1940, contando então com o patrocínio do rei Fuad I. É actualmente um livro com interesse bibliográfico.

## Gustave Jéquier – *Histoire de la Civilisation Égyptienne*



Quando Gustave Jéquier (1868-1946) publicou a sua história da civilização egípcia, em 1913, a egiptologia já se afirmara como uma ciência plenamente desenvolvida. Embora muitos achados arqueológicos não estivessem então ainda disponíveis (como a descoberta do túmulo de Tutankhamon, que só se verificou em 1922), o livro reflecte que, no domínio da arqueologia, uma parte substancial dos conhecimentos já havia sido compilada e interpretada. Trata-se de uma síntese admirável que proporciona ao leitor um panorama abrangente acerca do Egipto faraónico e das suas origens. Acresce-se ainda que a informação aqui reunida baseia-se nas suas próprias pesquisas arqueológicas, bem como nas prospecções levadas a cabo pelos seus antecessores. A imagem de conjunto, no entanto, peca por fornecer um quadro monolítico e quase imutável da civilização egípcia o que, como cada vez se torna mais evidente, não corresponde à sua real complexidade. O volume adquirido pela Biblioteca constitui uma reedição tardia da obra, o que reflecte bem a perenidade do interesse suscitado pela obra.

A sua obra foi, no entanto, maioritariamente dedicada ao estudo da arte e da arqueologia egípcia. Este eminente egiptólogo, nascido e falecido em Neuchatel, trabalhou grande parte da sua vida no Egipto, participando em escavações arqueológicas graças ao apoio de alguns mecenas. O seu trabalho focalizou-se sobretudo nos complexos funerários da VI dinastia em Sakara meridional. Grande parte do espólio aí encontrado está actualmente conservada no museu arqueológico de Neuchatel. O

*Manuel d'Archeologie Égyptienne* que a Biblioteca também possui reflecte o percurso deste egiptólogo na arqueologia egípcia.

**Marcel Brion – *Histoire de l'Égypte***

Constituindo uma edição rara, o livro foi publicado na colecção «Les Grandes Études Historiques» da Librairie Arthème Fayard, em 1954. Como sucede com a maior parte das publicações nesta área, uma forte atenção é concentrada em torno da realeza, das suas origens e evolução. É, portanto, uma obra importante para o estudo da ideologia real egípcia.

**Ian Shaw (ed.) – *The Oxford History of Ancient Egypt***

Adquirida recentemente, esta obra constitui uma das sínteses mais actualizadas e aprofundadas acerca da história do Antigo Egipto. A obra é coordenada por Ian Shaw, Professor de Arqueologia Egípcia na Universidade de Liverpool e reúne importantes nomes da egiptologia como Jaromir Malek, Stephan Seidlmayer, Gae Callender e Betsy Bryan, só para citar alguns dos nomes mais conhecidos. Para além de actualizada, a obra fornece um bom enquadramento cultural, religioso e social que, em muitos casos, concorre para proporcionar uma visão inovadora da história egípcia, sobretudo em torno de períodos históricos considerados «menores», como os períodos intermediários.



Provável representação de Cleópatra VII (51-30 a.C.)

#### **4. BIOGRAFIAS**

Apesar de reduzido, o número de biografias adquiridas pela Biblioteca reflecte o interesse do público em geral em torno de certas personagens mais ilustres. Uma ausência, no entanto, é especialmente gritante: embora existam duas obras sobre a biografia de Ramsés III, o mais famoso faraó egípcio, Ramsés II, não possui nenhuma obra dedicada ao estudo da sua vida. Por outro lado, as mulheres estão relativamente bem representadas: duas excelentes monografias são dedicadas à rainha lágida Cleópatra VII e à princesa Tanutamón, enquanto um outro volume reúne uma compilação de biografias das egípcias mais famosas.

### **Pierre Grandet – *Ramsés III, Histoire d'un Règne***



Apesar de constituir um dos faraós com um peso mais determinante para a história do Egípto, o papel de Ramsés III (1184-1153 a. C.) foi durante muito tempo injustamente esquecido. Este livro de Pierre Grandet nasceu como corolário da sua pesquisa intensiva que desenvolveu sobre o Papiro Harris I, descoberto na região tebana em 1855. Constituindo o papiro mais longo alguma vez encontrado (possui 42 metros), o documento oferece uma preciosa «biografia» do faraó. A importância do seu reinado torna-se clara se tivermos em conta que foi sob o seu comando que a coligação dos denominados «Povos do Mar», que assolou e destruiu as civilizações da bacia do Mediterrâneo, foi detida, salvando o Egípto da destruição que, noutros quadrantes, conduziu à queda da civilização micénica e da civilização minóica e de outros impérios do bronze. Apesar deste feito de proporções gigantescas, o final do seu próspero e ameaçado reinado foi marcado por uma tentativa de regicídio perpetrada no seu próprio harém.

### **Émile Suys – *Vie de Petosiris***

Esta obra, pouco conhecida, foi publicada em 1928. O livro versa a vida de um sacerdote egípcio que viveu no Egípto ptolemaico. O seu bem conhecido túmulo, erguido na necrópole de Hermópolis, é o ponto de partida para a caracterização da sua biografia. Com efeito, a decoração do túmulo de Petosiris atesta uma tal confluência entre a tradição egípcia e a cultura grega, que é frequentemente eleito como um dos exemplos mais perfeitos da síntese que, ao longo deste período, se procurou esboçar entre estas duas grandes culturas da Antiguidade.



Túmulo de Petosiris, necrópole de Tuna el-Gebel

### **Arthur Weigall – *Cleopâtre***

Por muitas razões, esta obra constitui uma verdadeira «jóia da coroa» do espólio egiptológico da Biblioteca. Arthur Weigall (1880-1934) foi um daqueles seres multifacetados que, pela sua própria originalidade, deixou um rasto intenso na egiptologia. Começando por trabalhar com o eminente arqueólogo Flinders Petrie, no Egito, Arthur Weigall colaborou também com Howard Carter antes de o substituir no cargo de Inspector-Chefe das Antiguidades do Alto Egito, uma responsabilidade que assumiu inesperadamente em 1905, então com a idade de 25 anos e que conduziu com energia até 1911. Nesta qualidade, colaborou com as principais individualidades do seu tempo, como Gaston Maspero, Theodore Davis e Percy Newberry. A aclamada biografia de Cleópatra VII, uma das personalidades mais vincadas da Antiguidade, constitui a obra de maior renome de Arthur Weigall e é também aquela onde mais claramente transparece o génio deste investigador que, para além de egiptólogo, foi também novelista, jornalista, compositor de poemas para canções e até cenógrafo, o que o levou a aventurar-se no mundo do cinema, colaborando na preparação de inúmeros filmes.

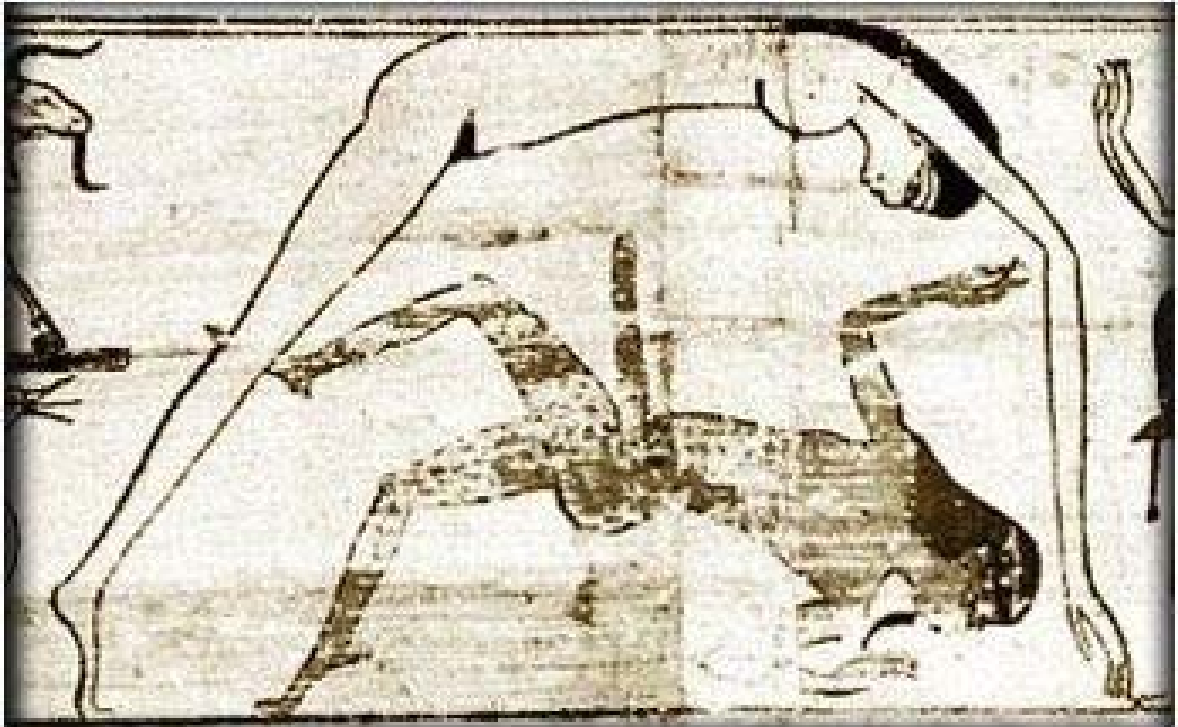




Arthur Weigal com a sua primeira mulher, Orthense, no Vale dos Reis

### **Christian Jacq – *As Egípcias***

Este volume, redigido por um dos mais célebres egiptólogos da actualidade, reúne um conjunto de pequenas biografias sobre algumas das mais eminentes rainhas egípcias, entre as quais naturalmente se destacam Hatchepsut e Cleópatra. Para além destas mulheres bem conhecidas do grande público, o livro tem o mérito de se debruçar sobre personalidades menos conhecidas como a de Sobekhotep que reinou no fim da XII dinastia, Nitócris, uma obscura rainha cujo reinado encerrou a VI dinastia, ou Tauseret, uma rainha controversa da XIX dinastia. Trata-se, portanto, de uma recolha exaltante acerca das mulheres egípcias e do papel tremendamente significativo que desempenharam na cena política e religiosa do seu tempo.



A criação do mundo. Papiro mitológico (XXI dinastia), Museu Egípcio do Cairo.

## 5. RELIGIÃO EGÍPCIA

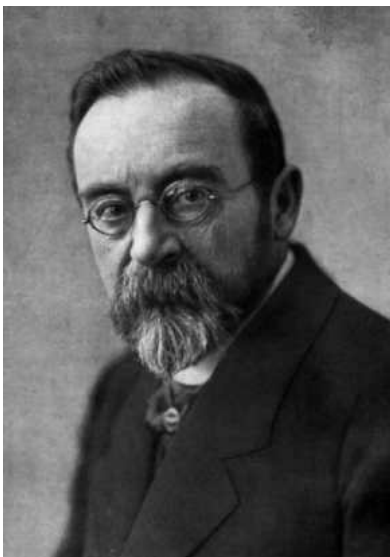
A religião egípcia é, actualmente, um dos sectores do saber egiptológico que se apresenta mais lacunar na Biblioteca. Contrastando com um forte desenvolvimento da investigação neste que é um dos campos mais férteis e representativos da civilização egípcia, as poucas obras dedicadas à religião e espiritualidade egípcias que a Biblioteca estão claramente desactualizadas. De qualquer modo, independentemente deste «desgaste», não é demais salientar o valor bibliográfico das obras de Alexandre Moret e de Adolphe Erman, dois dos especialistas mais marcantes no estudo da religião do Antigo Egipto do início do século XX.



### **Alexandre Moret (1868-1938)**

Professor do Collège de France, Alexandre Moret deu um contributo notável na egiptologia, sobretudo no domínio da religião e espiritualidade egípcia. As obras de Alexandre Moret que a Biblioteca conserva figuram entre os trabalhos mais representativos do seu pensamento, proporcionando uma visão ampla e abrangente da religião e da sociedade egípcia.

### **Adolphe Erman – *L’Égypte des Pharaons***



Adolf Erman (1854-1937), foi uma das figuras mais notáveis da egiptologia da primeira metade do século XX. Leccionando na Universidade de Berlim desde 1883, Erman trabalhou arduamente no estudo do língua egípcia, sobretudo nas suas versões tardias. Ao longo de cerca de trinta anos de estudo, Erman procurou desenvolver uma abordagem comparativa entre o Egípcio Clássico (a língua do Império Médio) e o Neoegípcio. O resultado desta pesquisa deu origem à *Neuägyptische Grammatik* (1880) que se debruça sobre os textos do Império Novo. Numa outra obra de relevo, o *Zeitschrift für ägyptische Sprache und Alterthumskunde*, Erman debruçou-se sobre as fontes literárias do Império Antigo, o que o levou a ter uma visão ampla acerca da

evolução da língua egípcia ao longo de mais de dois mil anos. Em 1897, Erman, trabalhando em conjunto com Kurt Sethe, Hermann Grapow e outros colaboradores iniciaram a catalogação de todas as palavras recolhidas nos textos egípcios, trabalho este que originou o famoso *Woerterbuch der aegyptischen Sprache*, cujos primeiros cinco volumes foram publicados entre 1926 e 1931. A edição completa deste monumental dicionário compreende doze volumes. A solidez do seu trabalho no estudo dos textos egípcios confere às suas obras de divulgação um peso e um valor imprescindível que ainda hoje se afigura valioso. A Biblioteca possui algumas destas obras.

*L'Égypte des Pharaons* é a tradução francesa (levada a cabo por Henri Wild, membro do IFAO) da sua última obra. Depois de uma longa vida, o notável egiptólogo alemão redigiu este livro com o intuito de transmitir o seu legado científico a um público mais alargado, extravasando assim o círculo académico ao qual se circunscrevia a sua produção essencialmente focada em temáticas relacionadas com a filologia, literatura e religião. O autor condensou de modo admirável, em 28 capítulos, as linhas mestras que permitem a compreensão da civilização egípcia. É, actualmente, uma obra rara que deve ser manuseada com todo o cuidado.

### **Jacques Pirenne – *La Religion et la Morale***

Jacques Pirenne (1891-1972), sendo historiador de formação, dedicou uma atenção particular à história e à cultura do Antigo Egipto. O seu trabalho *La religion et la moral de l'Ancient Égypte* (1964) é um dos seus trabalhos mais significativos deste âmbito. A Biblioteca possui também o livro *Histoire de la civilisation de l'Égypte Ancienne*.

### **Christian Jacq – *O Mundo Mágico do Antigo Egipto***

Christian Jacq, egiptólogo francês celebrizado pelo seu trabalho como romancista, possui, além de inúmeros romances históricos dedicados ao Egipto faraónico, algumas obras de carácter ensaístico. *O Mundo Mágico do Antigo Egipto*

constitui uma das raras obras de carácter egiptológico disponíveis em tradução portuguesa. Embora não seja propriamente uma obra de referência para o estudo do pensamento mágico no Antigo Egipto, o livro foca os principais tópicos do trabalho do mago, debruçando-se quer em aspectos práticos (instrumentos, amuletos, etc), quer em considerações de carácter religioso, mais abrangente.

### **Rómulo de Carvalho (1906-1997)**



Rómulo Vasco da Gama de Carvalho nasceu em Lisboa em 1906 e licenciou-se em Ciências Físico-Químicas pela universidade do Porto em 1931. Como investigador interessou-se pela história da Ciência, o que certamente motivou a redacção de um livro de temática egiptológica sobre a mumificação (*O embalsamamento Egípcio*) e um outro sobre a tradição hermética (*A Ciência Hermética*), ambos disponíveis na Biblioteca. Nestas obras, que extravasam largamente o seu âmbito de investigação, Rómulo de Carvalho revela um respeito notável pelas fontes, numa época em que, em Portugal, a investigação egiptológica em Portugal permanecia pouco desenvolvida.



Talatat amarniano (XVIII dinastia), Museu Egípcio de Berlim

## 6. ARTE EGÍPCIA

As obras relacionadas com a arte egípcia têm um peso importante no conjunto do espólio egípcio da Biblioteca não só pelo seu peso quantitativo, mas também pelo extraordinário valor dos autores aqui representados. Embora pudéssemos elencar muitas outras, destacamos em seguida as obras mais representativas deste núcleo.

## Jean Capart - *L'Art Égyptien*



Jean Capart no planalto de Guiza

Jean Capart (1877-1947), de origem belga, consagrou toda a sua vida ao estudo da arte e da arqueologia egípcia. Conservador da colecção egípcia dos Museus Reais de Arte e de História, criou a Fondation Egyptologique Reine Elisabeth, com o intuito de estimular os estudos egiptológicos na Bélgica. Foi também sob a sua direcção, que a Bélgica se iniciou na exploração arqueológica do vale do Nilo, através das pesquisas arqueológicas em El-Kab.

O dinamismo deste egiptólogo reflecte-se no livro *L'art égyptien* onde, baseando-se na sua vasta experiência como arqueólogo e conservador, o autor apresenta os princípios fundamentais da arte egípcia. Outra obra do autor que a Biblioteca possui, é mais orientada para a religião egípcia e intitula-se *Le Message de la Vieille Égypte*



## Christianne Desroches-Noblecourt



Christianne Desroches-Noblecourt no Vale das Rainhas

Christianne Desroches-Noblecourt, antiga conservadora do Departamento de Antiguidades Egípcias do Museu do Louvre, é um dos nomes de proa da egiptologia francesa do século XX. Revelando sempre o mesmo espírito de combate que a levou a fazer parte da Resistência ao longo da ocupação alemã, Desroches-Noblecourt mobilizou a sua tremenda energia para aquela que foi a grande empresa da sua vida: o salvamento dos monumentos da Núbia das águas da albufeira da grande barragem de Assuão. Encarregada pela Unesco de estabelecer o inventário dos monumentos ameaçados iniciou, em 1960, um movimento internacional de recolha de fundos que permitiu a desmontagem e a reconstrução de cerca de vinte grandiosos monumentos que, de outro modo, estariam para sempre perdidos. As suas obras sobre a arte egípcia reflectem tanto a sua erudição, como sensibilidade e arrojo intuitivo na interpretação dos dados, numa área de estudos onde tradicionalmente a contensão e a sobriedade prevalecem. Entre as suas obras adquiridas pela Faculdade destacam-se *L'Art Égyptien*, *Le Style Égyptienne*, *Peintures des Tombeaux et des Temples Égyptiens*.

### **Cyril Aldred – *Old Kingdom Art in Ancient Egypt***



Cyril Aldred (1914-1991) trabalhou desde 1937 no Departamento de Arte e Etnografia do Royal Scottish Museum, em Edimburgo, onde trabalhou até à sua reforma, em 1974. Durante a sua longa carreira, Aldred publicou inúmeros livros sobretudo no domínio da arte egípcia. A obra *Old Kingdom Art in Ancient Egypt* (1949), que a Biblioteca possui, foi seguida de dois volumes dedicados ao Império Médio (1950) e ao Império Novo (1952) e conheceram um êxito muito significativo. A paixão de Aldred pela arte egípcia não se ficou apenas pelos livros. Na verdade, era também um experimentado ourives, pelo que criou inúmeras cópias de famosas peças da joalheria egípcia, experiência essa que certamente contribuiu para o seu conhecimento íntimo das peças que estudava cientificamente.

### **William Hayes – *The Scepter of Egypt***

Esta obra, publicada originalmente entre os anos 1953 e 1959, é justamente reconhecida como um dos melhores tratados redigidos acerca da arte e da cultura egípcia. Baseando-se inteiramente na vasta colecção egípcia do Metropolitan Museum of Art, o autor proporciona ao mesmo tempo uma história da arte no Egipto faraónico e um guia muito completo desta colecção. Sendo constituída por dois volumes (o primeiro dedicado à evolução da arte egípcia desde as origens até ao Império Médio e o segundo versando o Segundo Período Intermediário e o Império Novo), a obra ficou incompleta devido à morte do autor que planeava redigir um terceiro volume dedicado ao Terceiro Período Intermediário e à Época Baixa. Como o próprio autor sublinha, a própria colecção do Museu predispõe a um estudo integrado, uma vez que, ao contrário de

muitas outras, os objectos aí conservados possuem uma documentação arqueológica abundante, enriquecendo assim a leitura crítica que é possível extrair a partir do seu estudo.

### **Etienne Drioton – *Art Égyptien***



Étienne Drioton (1889-1961) sucedeu a Mariette, Maspero e Lacau na direcção do Serviço de Antiguidades e destacou-se como uma das eminentes individualidades da egiptologia. Detentor de uma sólida formação em religião, filosofia e filologia, dedicou-se, a partir de 1929, à arqueologia, participando em diversas escavações. Regressou a França na década de cinquenta, desempenhando a função de conservador principal do Museu do Louvre e de professor no Collège de France. A sua *Art Égyptien* é um importante contributo no estudo da arte egípcia.



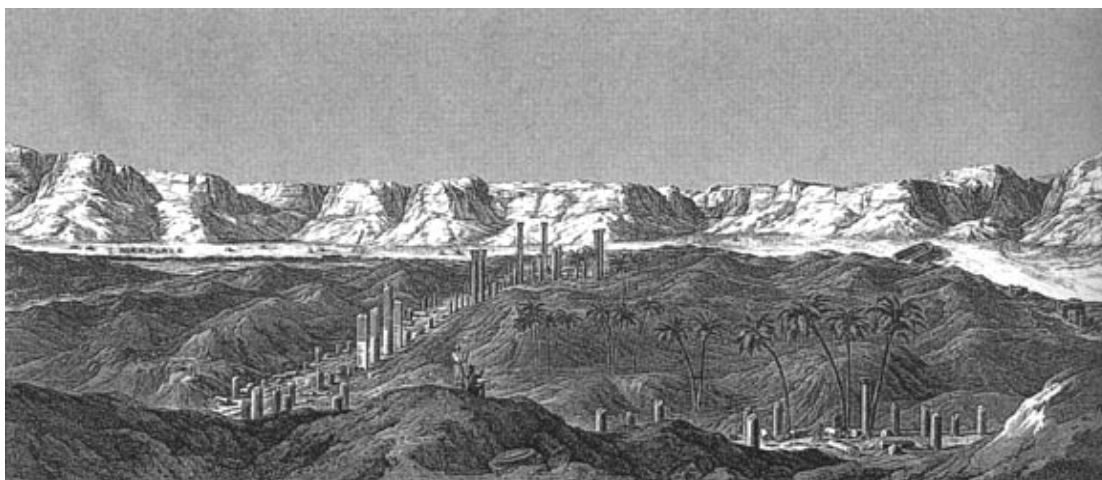


Grande templo de Abu Simbel (XIX dinastia).

## **7. ARQUEOLOGIA EGÍPCIA**

Algumas das obras mais interessantes do espólio egípcio da Biblioteca relacionam-se com a arqueologia egípcia. Os títulos reunidos, no entanto, embora façam justiça ao peso e importância das missões arqueológicas francesas no Egito, são pouco representativos quanto ao contributo do trabalho de arqueólogos oriundos de outros quadrantes. Flinders Petrie, John Pendlebury e Walter Emery são as honrosas exceções que dão um pouco de visibilidade ao contributo que a Grã-Bretanha deu ao desenvolvimento da arqueologia no Egito. O peso das obras em língua francesa reflecte, deste modo, a forte influência da França na arqueologia de meados do século XX.

## *La Description de l'Égypte*



O sítio de Antinópolis. São ainda claramente visíveis certos arruamentos da cidade e alguns dos principais monumentos.

Na sua expedição militar ao Egito, Napoleão fez-se acompanhar por uma equipa «multidisciplinar» de 165 sábios que foi, na realidade, responsável pelo verdadeiro triunfo de Napoleão: a recuperação e divulgação do legado egípcio para a Idade Contemporânea. Estes jovens investigadores, a maior parte teria à volta de vinte anos, com formação em engenharia civil, arquitectura, desenho, entre outros, realizaram um trabalho admirável de levantamento quer dos monumentos, quer da vida vegetal e animal do vale do Nilo. O resultado conseguido afigura-se tanto mais admirável quanto difíceis foram as duras condições de trabalho (as doenças, o calor, a insegurança e o pouco tempo disponível). Este imenso manacial de informação exigiu dezoito anos de trabalho para ser completamente revelado ao público. A obra foi publicada em vinte volumes, sob o título *Description de l'Égypte ou Recueil des observations et recherches qui ont été faites en Égypte pendant l'expédition française*, a obra inclui dez volumes com 974 gravuras, um atlas cartográfico e nove volumes de texto. A qualidade e o tamanho das gravuras (as maiores atingem a dimensão de 1 m x 0,81m), fazem desta obra uma realização monumental que viu a luz do dia entre 1809 e 1828.

Trata-se, por muitas razões, a obra que assinala o virar de página da divulgação do Antigo Egito no Ocidente, fazendo ironicamente coincidir o início da contemporaneidade com a eclosão da egiptologia. Para além do seu valor histórico, a obra possui um inestimável valor documental pois, com o advento da idade contemporânea veio também a rapina ou simplesmente a destruição de muitos dos sítios

antigos registados na *Description de l'Égypte*. Para muitos monumentos, a obra fornece, o único documento disponível para nos ajudar a conhecer a sua configuração, como é, infelizmente o caso de Antinoópolis, a cidade romana fundada por Adriano no local onde Antínoo morreu. O vasto campo de ruínas desenhado pelos sábios de Napoleão foi, em meados do século XIX, transformado numa pedreira e os monumentos desfeitos para a produção de cal.

O interesse e o valor desta obra tem justificado numerosas reedições que reúnem num só volume gravuras seleccionadas.

### **Flinders Petrie – *Les Arts et Métiers de l'Ancienne Égypte***



Petrie à entrada do túmulo que lhe serviu de abrigo durante as suas pesquisas em Guiza

O egiptólogo inglês Flinders Petrie (1853-1942) foi um pioneiro na aplicação de uma metodologia sistemática nas suas explorações arqueológicas. Como arqueólogo, o seu trabalho estendeu-se a todos os mais importantes sítios do Egipto, como Abido e Amarna. Provavelmente, a sua descoberta mais sensacional foi a estela de Merenptah. A vocação arqueológica de Petrie revelou-se desde a infância. Aos oito anos, ao ouvir um relato de escavações na ilha de Wight, defendeu veementemente que toda a terra

removida durante as escavações deveria ser peneirada de modo a revelar toda a informação nela contida. Mais tarde, já com setenta anos, Petrie escrevia: "All that I have done since, was there to begin with, so true it is that we can only develop what is born in the mind. I was already in archeology by nature."

Foi a partir de 1880 que Petrie começou a aplicar à arqueologia egípcia o rigor científico que a iria transformar profundamente. Em Guiza passou nove meses a proceder a medições e cálculos da grande pirâmide: os resultados obtidos foram os melhores alguma vez obtidos até à data. Elaborado à custa de um tremendo sacrifício pessoal, o seu trabalho minucioso exigia uma presença constante nos próprios locais arqueológicos. Em Guiza, por exemplo, Petrie fez de um túmulo escavado na rocha o seu próprio apartamento e aí vivia acompanhado apenas pelos seus colaboradores egípcios.

A sua tarefa, no entanto, estava ameaçada pela destruição acelerada dos sítios faraónicos. O seu vasto trabalho pelos principais sítios arqueológicos do Egipto estava assim animado por um espírito de «salvamento»: de Tanis (no delta), a Sehel (em Assuão), passando pelo Faium e Tel el-Amarna, Petrie lançou as bases da arqueologia científica no Egipto, preocupando-se mais com o registo de informação do que com a «caça aos tesouros». É esta vocação para a «arqueologia da informação» que está precisamente na base de obras como *Les arts et metiers de l'ancienne Egypte*.

### **Georges Legrain – *Louqsor sans les Pharaons***



Georges Legrain foi o inspector-chefe das antiguidades de Luxor. Embora tenha empreendido numerosas escavações em Assuão, Kom Ombo e Dachur, é sobretudo a Karnak que o seu nome está ligado, pelos seus trabalhos de conservação e restauro mas,

sobretudo, pela descoberta, em 1903, do famoso esconderijo de onde foram resgatadas mais de 800 estátuas monumentais e cerca de 15 mil objectos.

Não constituindo um livro de arqueologia, *Louqsor sans les pharaons* reflecte o olhar intimista de Legrain sobre uma cidade que hoje praticamente desapareceu. As suas fotografias revelam o modo de vida de um povo que convivia paredes meias com os vestígios imponentes do seu passado. A permanência do passado na vida das gentes de Luxor foi, com efeito, um tema frequentemente retomado nas suas obras fotográficas. Legrain permaneceu em Luxor até à sua morte.



Sessão fotográfica para o livro «Old faces and new»



Uma perspectiva de Luxor no início do século XX

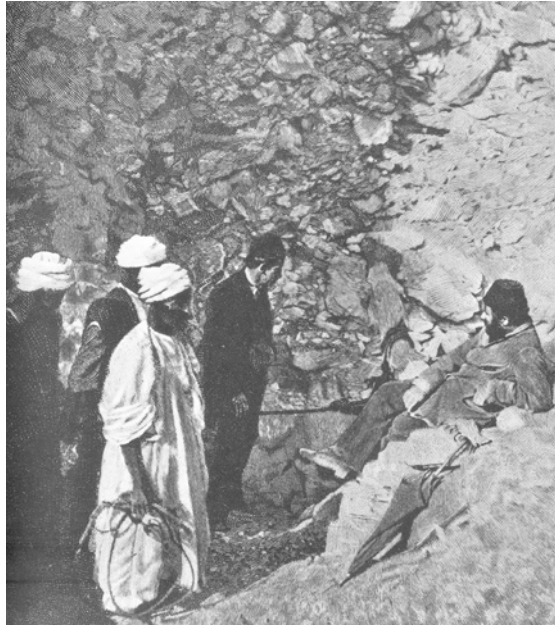
## Gaston Maspero – *L'Archéologie Égyptienne*



O francês Gaston Maspero (1846-1916) sucedeu a Mariette na direcção do Serviço de Antiguidades Egípcias. Foi no exercício deste cargo que, em 1880, descobriu a existência dos «Textos das Pirâmides». No ano seguinte, intrigado pelo aparecimento de diversas antiguidades no mercado negro, Maspero ergueu uma investigação policial que conduziu à identificação de Ahmed et Mohamed Abd el-Rassul, habitantes da aldeia tebana de Gurna, como os responsáveis por um tráfico de antiguidades que se baseava na rapina metódica do fantástico espólio composto por cerca de quarenta múmias reais escondido num túmulo escavado na rocha da falésia de Deir el-Bahari.

Novas descobertas arqueológicas em Deir el-Medina, a aldeia de trabalhadores dos túmulos reais, bem como o resgate dos monumentos enterrados na antiguidade no «esconderijo» de Karnak concorreram para literalmente sobrelotar o novo Museu Egípcio do Cairo construído, sob a sua tutela, para substituir o atravancado Museu de Bulak. A sua *L'Archéologie Égyptienne* é o testemunho vivo do seu percurso invulgar. A Biblioteca possui ainda um livro de Maspero dedicado aos contos egípcios que apresentamos na secção de literatura.





Gaston Maspero (recostado junto ao guarda-sol) e o seu assistente Emil Brugsch diante da entrada para o poço escavado na rocha em deir el-Bahari. Estão acompanhados por Abd-el-Rasul, que traficava as antiguidades aí encontradas entre as múmias reais.

### **Jean-Philippe Lauer – *Le Problème des Pyramides d'Égypte***



Jean-Philippe Lauer nas galerias subterrâneas do complexo funerário de Djoser, em Sakara.

O egiptólogo francês Jean-Philippe Lauer (1902-2001), arquitecto de formação, dedicou a obra da sua vida ao estudo e reconstrução do complexo funerário de Djoser, em Sakara, velando pela obra de Imhotep, o primeiro arquitecto conhecido da história.

Apoiando-se num estudo minucioso, Lauer reconstruiu, bloco a bloco, a muralha de calcário que envolve a pirâmide de degraus, bem como uma boa parte dos santuários adjacentes a esta estrutura. A pesquisa arqueológica empreendida nas estruturas subterrâneas da pirâmide foi também da sua responsabilidade. A sua obra *Le problème des Pyramides d'Égypte* resulta, deste modo, de uma ampla experiência e estudo no terreno, bem como da sua sólida formação académica que combina a erudição egiptológica com as competências relacionadas com a arquitectura.

### **Pierre Montet – *Les Enigmes de Tanis***



Pierre Montet (1885-1966) dirigiu importantes escavações na Líbia e no Egipto, entre as quais figura a descoberta, entre 1939 e 1946, da extraordinária necrópole real de Tânis (descoberta esta ensombrada pelos tortuosos anos da Segunda Grande Guerra mas também pelo excepcional brilho do túmulo de Tutankhamon descoberto justamente na década anterior). Sob a sua direcção, os túmulos quase imperturbados dos faraós Chechonk II (XXII dinastia) e de Psusenes I (XXI dinastia), emergiram à luz do dia no início da conturbada década de quarenta. O prodigioso tesouro, actualmente conservado no Museu Egípcio do Cairo, é, à semelhança do espólio do túmulo de Tutankhamon, um precioso recurso documental para melhor conhecer as vicissitudes do Primeiro Período Intermediário. *Les enigmes de Tanis* é uma obra de divulgação que apresenta ao grande público não só as maravilhas descobertas na necróle real de Tânis, contextualizando também estas descobertas no âmbito mais abrangente do legado proporcionado pelas escavações empreendidas nesta antiga cidade. Através dos seus vestígios tanitas, Montet traça uma caracterização segura da obscura XXI dinastia.





Pierre Montet diante do sarcófago de prata de Psusenes I (1940)



Um aspecto das escavações realizadas no recinto do templo de Amon-Ré em Tânis

Embora a sua carreira tivesse sido essencialmente dedicada à arqueologia, a Biblioteca possui uma outra obra de Pierre Montet que nos devolve a sua faceta de investigador de hábitos e costumes sociais. *La vie quotidienne*, publicada pela primeira vez em 1946, é uma das suas obras mais conhecidas e uma das primeiras da egiptologia a dedicar-se ao estudo da sociedade egípcia como um todo. Redigida num estilo vivo e provocador (veja-se a seguinte passagem que ainda hoje não está desprovida de actualidade: «Les modernes ont tendance à croire que les Égyptiens naissent entourés de bandelettes»), dá-nos uma perspectiva transversal da sociedade egípcia, centrando-se, para isso, num dos momentos em que a documentação arqueológica é mais rica: o período ramsésida. Através do estudo do meio geográfico, das relações familiares, dos trabalhos e ofícios, incluindo a guerra e a cultura, a sociedade egípcia vai emergindo como um todo unitário e interdependente. É, ainda hoje, uma obra que continua a ser reeditada.

#### **John Pendlebury – *Les Fouilles de Tell el-Amarna***



O arqueólogo inglês John Pendlebury (1904-1941) é porventura mais conhecido pelo seu trabalho no âmbito da arqueologia grega, com a qual se começou a familiarizar

através de uma bolsa de estudos que lhe permitiu ingressar na British School of Archaeology em Atenas. Sempre incapaz de decidir entre a arqueologia egípcia e grega, Pendlebury optou por estudar os artefactos egípcios encontrados na Grécia. A natureza do clima da Grécia e do Egito, permitiram-lhe também escavar anualmente em ambos os países. Em 1928 Pendlebury integrou a equipa da Egypt Exploration Society, chefiada por Henri Frankfort em Tel el-Amarna para, no ano seguinte, ser nomeado por Arthur Evans como curador do sítio arqueológico de Cnossos. Entre 1930 e 1936, Pendlebury dirigiu as escavações de Tel el-Amarna, função que acumulava com as suas responsabilidades em Cnossos.

*Les fouilles de Tell el Amarna* constitui a tradução francesa da obra que dedicou à descrição da sua experiência arqueológica na capital de Akhenaton. É, por todas as razões, uma obra única que reúne simultaneamente a singularidade de um faraó e de um arqueólogo excepcionais.



Pendlebury no Museu Egípcio do Cairo

Só a partir de 1936, a sua atenção se concentrou totalmente na arqueologia minóica. Atleta e com espírito aventureiro, Pendlebury conhecia a ilha intimamente. Devido às suas pesquisas arqueológicas, passava dias a fio nos picos montanhosos entre pastores e aldeões de tal modo que, no dealbar da Segunda Grande Guerra, o seu conhecimento da ilha e da língua grega o levou a trabalhar para a espionagem britânica. Acabou por ser fuzilado pelos alemães durante a invasão à ilha em 1941.



Pendlebury em Creta (1936)

### **Jacques Vandier – *Manuel d'Archéologie Égyptienne***

Uma das obras mais significativas no âmbito da Arqueologia do Antigo Egito, o *Manuel d'Archaeologie Égyptienne* apresenta uma visão sistematizada da arte e da cultura egípcia. Organizada em quatro volumes, a obra dedica os dois tomos do primeiro volume ao Egito Pré-dinástico e à Pré-História do Vale do Nilo. O segundo volume é dedicado à arquitetura civil, funerária e religiosa. A estatuária e o relevo são abordados no terceiro e no quarto volume, respectivamente. Para além do seu interesse científico, é uma das obras que a Biblioteca possui que já apresenta um valor bibliográfico intrínseco.

## **Walter Emery – *Egypt in Nubia***

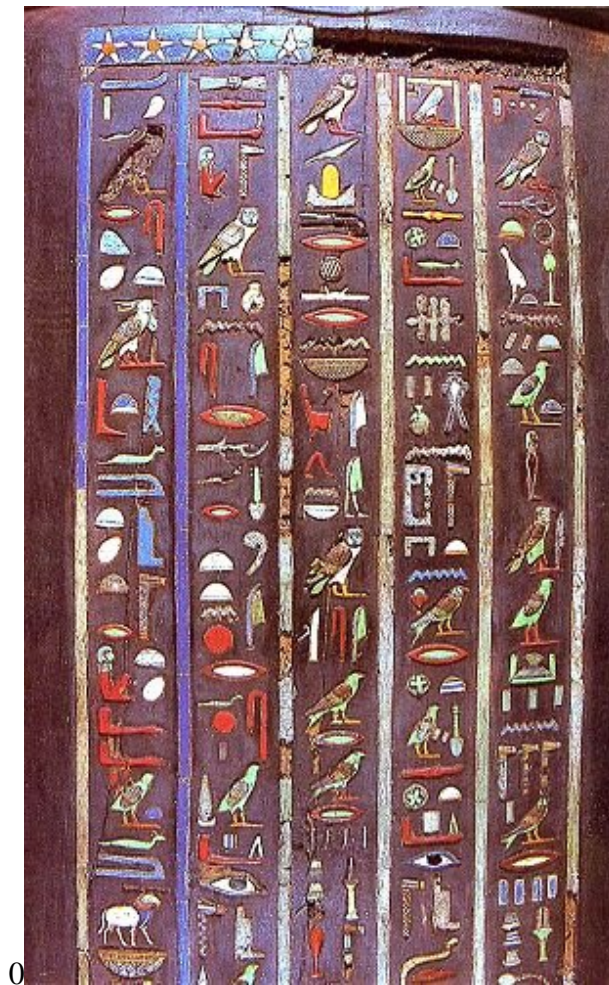


O egiptólogo britânico Walter Emery (1903 - 1971), trabalhou em importantes campos arqueológicos no Egito, como Amarna (1923), Luxor e Núbia (entre 1929 e 1934). O presente volume, dedicado aos importantes vestígios egípcios na Núbia é tanto mais importante quanto actualmente a maior parte dos monumentos evocados jaz submersa pela gigantesca albufeira criada pela grande barragem de Assuão, estando, não só inacessíveis aos investigadores como, muito provavelmente, perdidos para sempre. *Egypt in Nubia* reflecte um pouco a vivência de Emery na Núbia, onde trabalhou com a sua mulher Molly no salvamento de sítios e monumentos ameaçados pela construção da barragem de Assuão.

## **Dominique Valbelle - *Le Camp Romain du Bas-Empire à Tell el-Herr***

Dominique Valbelle é directora do Instituto de Egiptologia da Universidade de Lille III e presidente da Société Française d'Égyptologie. Como arqueóloga dirige as escavações no sítio de Tell el-Herr, no Sinai, um local inóspito e isolado que, por essas razões, tem proporcionado informações valiosas acerca da extração de pedra no Egito romano. O livro, decorrente das suas escavações, proporciona os estudiosos da civilização romana um valioso caudal documental no que diz respeito à presença romana em territórios tão longínquos e remotos como a península do Sinai.



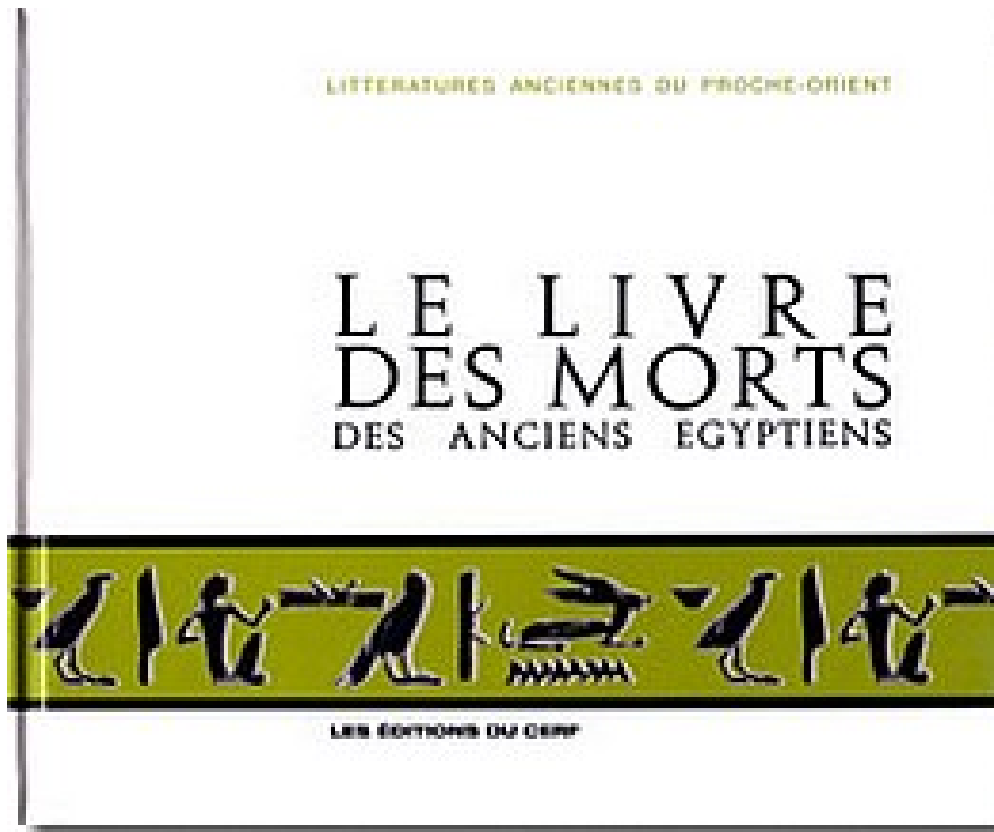


Texto hieroglífico redigido na tampa do sarcófago de Petosiris (período ptolemaico), Museu Egípcio do Cairo

## 8. LITERATURA EGÍPCIA

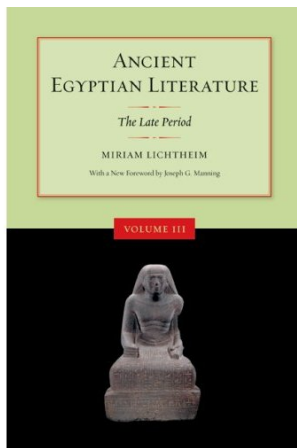
Recentemente constituído, o pequeno núcleo dedicado à literatura egípcia é de importância capital para suportar o estudo da civilização egípcia. Para além das traduções de Lichtheim, destacam-se ainda traduções propostas por autores portugueses. Em conjunto, os títulos reunidos pela Biblioteca permitem ao leitor conhecer um *corpus* literário bastante completo.

Paul Barguet - *Le Livre des Morts*



Paul Barguet, Director do Instituto de Egiptologia da Universidade de Lyon, traduziu para a língua francesa uma das mais significativas obras da literatura e da religião egípcia. O «Livro dos Mortos» ou, como era designado no Antigo Egipto, *Capítulos de sair para o dia*, constitui uma compilação de textos mágicos destinados a assegurar ao defunto uma travessia eficaz pelo mundo do Além. Estes textos, essenciais para compreender a espiritualidade egípcia, são um importante instrumento de trabalho. A tradução de Paul Barguet tem sido justamente considerada como uma das mais seguras e escorreitas actualmente disponíveis no mercado livreiro.

### **Miriam Lichtheim – *Ancient Egyptian Literature* (3 vols.)**



Miriam Lichtheim (1914-2004) notabilizou-se pelo seu extensivo trabalho de tradução de textos literários do Antigo Egito. Começando os seus estudos em Jerusalém, na Universidade Hebraica, Lichtheim doutorou-se em Egiptologia na Universidade de Chicago, permanecendo nos Estados Unidos da América até 1982, ano em que regressa definitivamente a Israel. Em 1973, Lichtheim publicou o primeiro volume da sua *Ancient Egyptian Literature (AEL)*, dedicado aos textos do Império antigo e do Império Médio. Em 1976 foi editado o segundo volume da *AEL* dedicado aos textos do Império Novo, seguindo-se, em 1980, o terceiro volume, contendo traduções de textos datados do primeiro milénio. A autora é ainda conhecida pela atenção particular que dedicou aos textos sapienciais e às autobiografias, textos que estudou com o intuito de analisar e caracterizar o discurso sobre a moral e a regulação da conduta. Gozando de um amplo reconhecimento do seu trabalho nos meios académicos de todo o mundo, Lichtheim acabaria por redigir, na sua própria autobiografia: «I have no plans and goals, just the hope to be still around to see peace come to this troubled land».

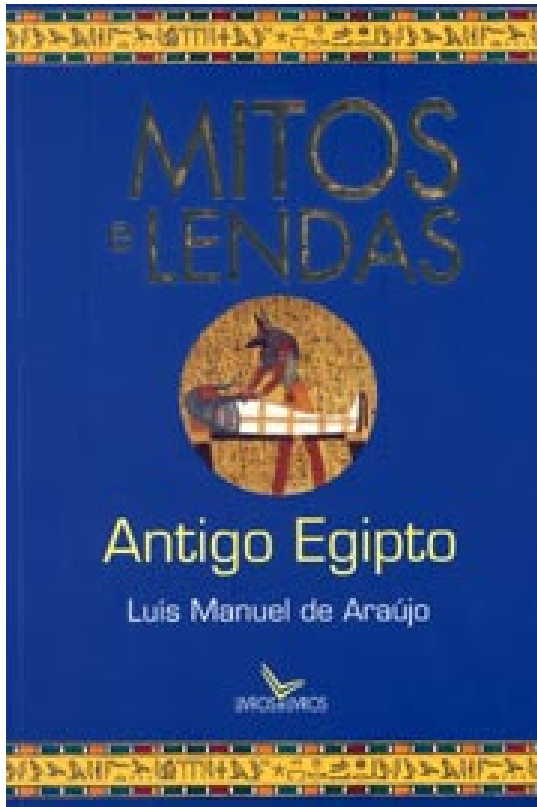
### **Gaston Maspero – *Les contes populaires de l'Égypte ancienne***

Já aqui referido pelo seu contributo para a arqueologia egípcia, Gaston Maspero complementou a sua obra com as suas traduções dos contos egípcios. Incorrectamente classificados como «populares», os contos aqui apresentados fazem parte do rico imaginário egípcio e constituem, pelo contrário, autênticas obras literárias de grande



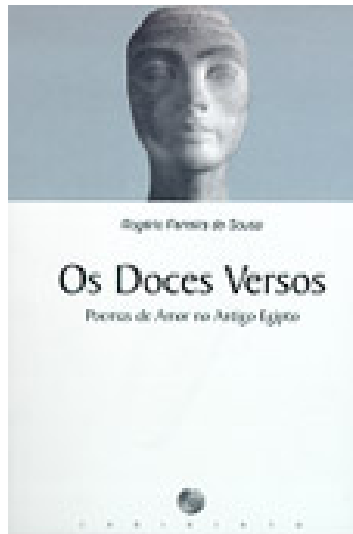
complexidade e simbolismo que, à data da sua publicação não eram ainda totalmente evidentes. A obra tem, apesar disso, um grande interesse.

**Luís Manuel de Araújo - *Mitos e Lendas do Antigo Egipto***

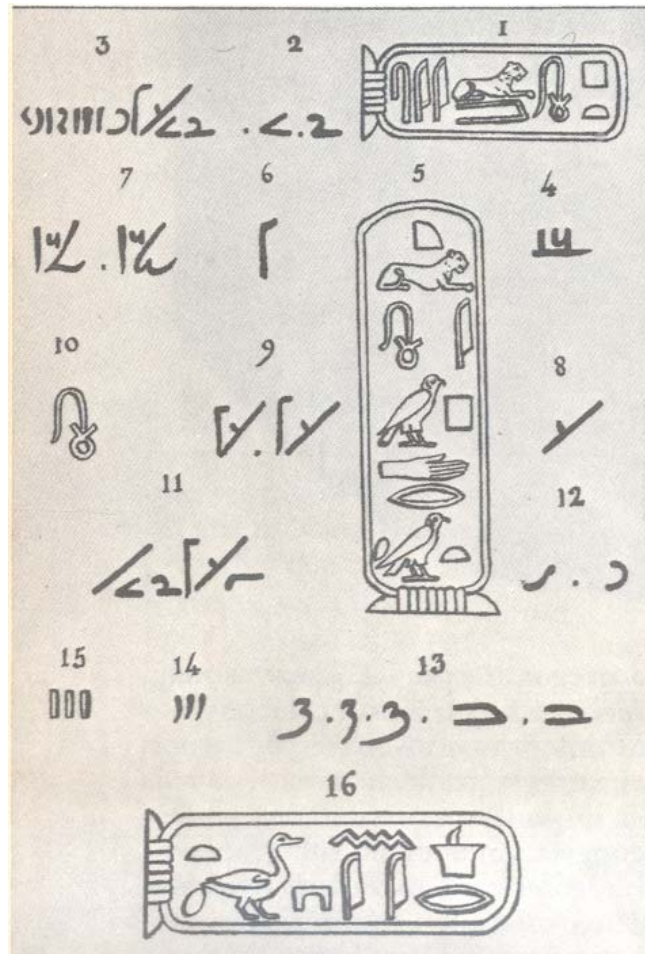


A tradução proposta por Luís Manuel de Araújo é a única tradução portuguesa disponível de alguns dos mais significativos relatos mitológicos do Antigo Egipto. O livro começa com a apresentação de um conjunto de hinos religiosos que tematizam a criação do mundo ou a destruição da humanidade. O complexo e extenso ciclo de Osíris é igualmente explorado ao longo de vários capítulos. A maior parte dos textos aqui apresentados é, no entanto, composto por deliciosas narrativas com fortes conotações mágicas. Trata-se, pois, de um livro através do qual, texto após texto, o autor apresenta um quadro colorido e «em discurso directo» do complexo imaginário mitológico do Antigo Egipto.

**Rogério Ferreira de Sousa – *Os Doces Versos: Poemas de amor do Antigo Egipto***



Da nossa autoria, *Os Doces Versos*, é um livro que procura contextualizar a redacção dos poemas de amor no Antigo Egipto e contribuir para compreender as origens, recursos e referenciais simbólicos inerentes aos poemas de amor, tentando desfazer a ideia de uma produção literária e poética que reflecte uma ideia intemporal de amor e enamoramento. Pelo contrário, estes versos reflectem um quadro social e cultural que é o da sociedade egípcia do império ramsésida. As noções relacionadas com o amor e os próprios recursos literários utilizados são pois explanados de modo a revelar a originalidade profunda destes textos, profundamente enraizados na literatura mágica e religiosa do Antigo Egipto.



Estampa do *Précis du système hiéroglyphique des anciens Egyptiens* (1824) de Champollion

## 9. FILOLOGIA, ESCRITA HIEROGLÍFICA E DICIONÁRIOS

A Biblioteca conta com uma seleção de obras que, embora em número reduzido, constitui um importante núcleo para garantir a iniciação dos alunos e investigadores na escrita hieroglífica e em noções basilares da egiptologia. Destacam-se, neste âmbito a gramática e o dicionário de escrita hieroglífica.

## Alan Gardiner – *Egyptian Grammar*

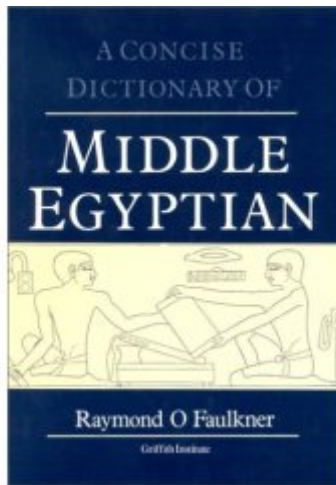


Sir Alan Gardiner (1879-1963) é um dos nomes mais destacados e prestigiados da egiptologia britânica do século XX. Grande parte da sua vasta obra relaciona-se com a tradução e estudo de textos egípcios, incluindo *The Royal Canon of Turin*. No entanto é a sua *Egyptian Grammar* o seu principal legado para a filologia egípcia. Lefebvre comenta da seguinte forma este trabalho:

« C'est à l'*Egyptian Grammar* de Gardiner qu'il faudra encore longtemps se reporter, quand on voudra se rendre compte, dans le détail, de l'origine, de l'emploi et de l'infinie variété des formes verbales, ou étudier dans leur évolution les différentes valeurs des signes hiéroglyphiques. (...) Rien ne saurait pour le moment remplacer cette véritable Somme égyptologique. »

Para além de ser concebida de modo a facultar uma aprendizagem autónoma, a gramática apresenta uma lista de todos os hieróglifos do Egípcio Clássico, devidamente seriados e classificados. Embora actualmente muitas outras gramáticas estejam disponíveis, esta antiga obra de Gardiner continua a ser um instrumento de trabalho imprescindível.

### **Raymond Faulkner – *Dictionnary of Middle Egyptian***



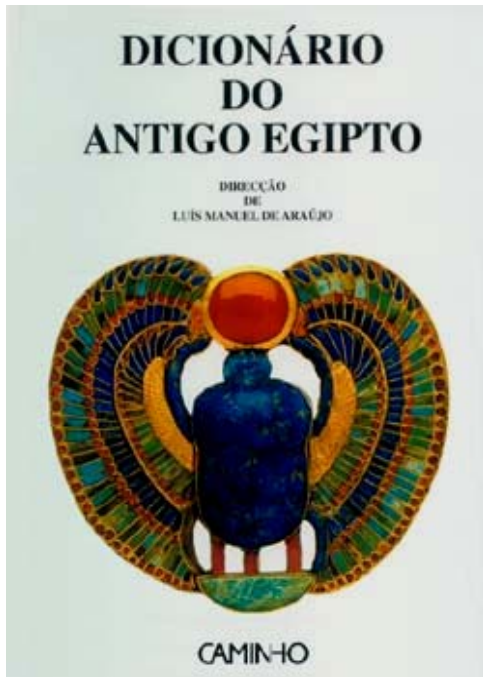
O egiptólogo inglês Raymond Faulkner (1894-1982) é autor de uma extensa obra no âmbito da filologia. Discípulo de Sir Alan Gardiner, o seu dicionário do Egípcio Clássico, publicado ainda com caracteres manuscritos, tornou-se um instrumento de trabalho fundamental para o estudo da escrita hieroglífica.

### **Jean Leclant – *Dictionnaire de l'Égypte Ancienne***

O egiptólogo francês Jean Leclant (1920-), é um especialista de história da civilização faraónica, sobretudo da XXV dinastia. Interessou-se também pela civilização e cultura de Méroe. Desenvolveu um extenso trabalho arqueológico na Etiópia (1952-1956) no Sudão (Soleb, 1960-1978 ; Sedeinga, depois de 1979) e também no Egipto, em Sakara (desde 1963), Karnak e Tânis.

O seu trabalho no âmbito da arqueologia foi também acompanhado por um trabalho de investigação no âmbito da cultura e religião do Antigo Egipto. O seu *Dictionnaire de l'Égypte Ancienne* reflecte o prestígio de Jean Leclant que conseguiu reunir uma vasta equipa de especialistas em torno de um mesmo projecto.

**Luís Manuel de Araújo – *Dicionário do Antigo Egipto***



O egiptólogo Luís Manuel de Araújo, docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, é um dos primeiros portugueses a dedicar-se ao estudo da egiptologia no nosso país. É autor de uma vasta produção científica com centenas de artigos publicados em Portugal e no estrangeiro. Estudou todas as colecções de antiguidades egípcias conservadas em Portugal. Resultando de um trabalho de equipa que envolveu cerca de vinte investigadores, dirigido por Luís Manuel de Araújo, o *Dicionário do Antigo Egipto* constitui uma obra fundamental para o investigador de língua portuguesa já que reúne dados relativos à história, religião, geografia, toponímia e sociedade. Além disso permite ao leitor familiarizar-se com a onomástica egípcia, em detrimento da onomástica de inspiração grega, actualmente cada vez mais em desuso mas que, para o leitor menos precavido, pode criar alguma confusão.



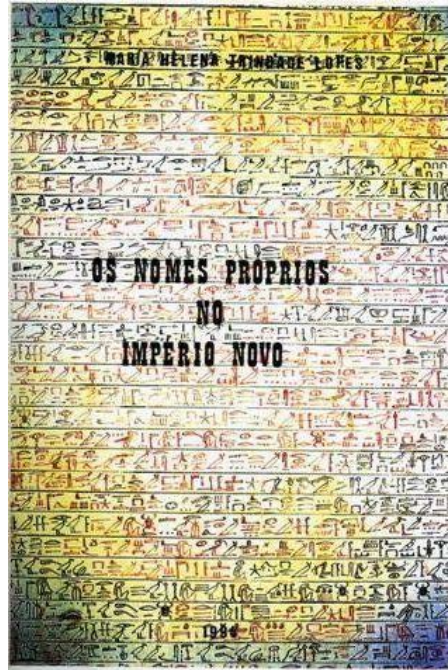
## 10. TESES DE DOUTORAMENTO NO ÂMBITO DA EGIPTOLOGIA

Em Portugal a investigação que se tem vindo a desenvolver no âmbito da egiptologia reflecte-se na elaboração, ao longo das últimas décadas, de teses de doutoramento elaboradas e defendidas em universidades nacionais. No espólio da Biblioteca Central estão representadas as instituições universitárias que mais se têm destacado na investigação portuguesa em egiptologia: a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova. Outras importantes obras têm entretanto vindo a lume que certamente serão adquiridas brevemente. Também a Faculdade de Letras da Universidade do Porto conta com duas teses de doutoramento no âmbito da egiptologia.

**José Amadeu Coelho Dias - *Hebreus e Filisteus na terra de Canaã* (1993)**



Maria Helena Trindade Lopes - *Os nomes próprios no Império Novo.*(1994)



Luís Manuel de Araújo - *Estatuetas funerárias egípcias da XXI dinastia : 1070-945 a.C..* (1998)

Luís Manuel de Araújo  
Faculdade de Letras de Lisboa (Instituto Oriental)

ESTATUETAS FUNERÁRIAS EGÍPCIAS  
DA XXI DINASTIA



Volume II

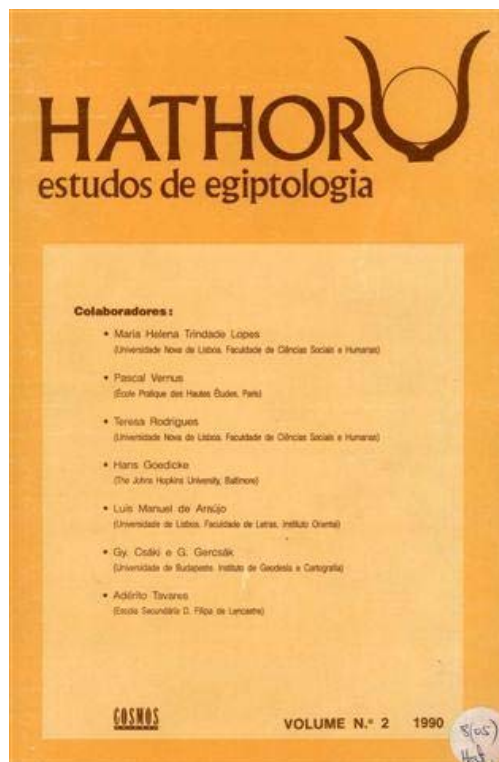
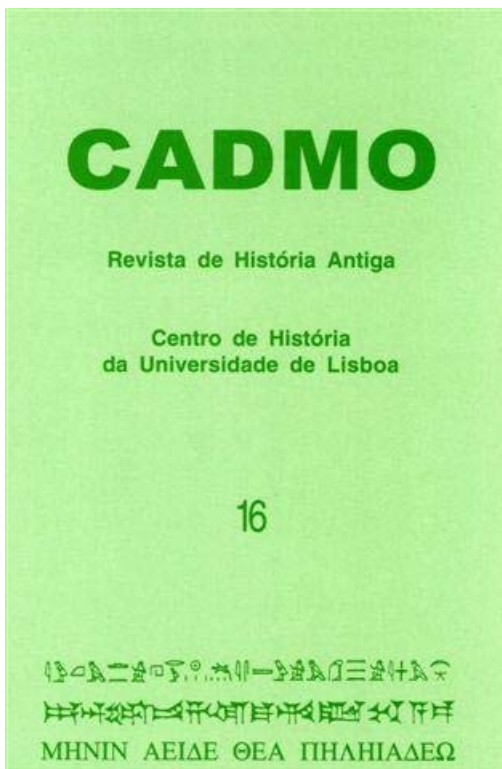
Lisboa, 1998



## 11. PERIÓDICOS

Embora actualmente um número cada vez maior de investigadores se dedique à egiptologia, infelizmente a falta de recursos financeiros tem dificultado a criação e manutenção de uma publicação periódica especializada em egiptologia. Da revista *Hathor*, a primeira publicação de índole exclusivamente egiptológica, a Biblioteca Central conserva um número.

Actualmente a publicação periódica que mais atenção tem dado à egiptologia é a *Cadmo* que, embora vocacionada para a história e cultura das civilizações pré-clássicas, inclui sempre artigos de temática egiptológica.





Vendedor de múmias num mercado egípcio (Fotografia de Félix Bonfils, 1875)

## **12. LITERATURA E GUIAS DE VIAGEM**

Entre o pequeno número de obras elencadas nesta categoria salientamos com um peso particular o livro de Eça de Queirós dedicado à descrição da viagem que fez ao Egito por ocasião da inauguração do canal do Suez.



### **Eça de Queirós - *O Egipto: Notas de Viagem***

Publicado postumamente, as *Notas de Viagem* foram redigidas ao estilo saboroso e livre de um diário. Página a página, Eça vai-nos apresentando fragmentos de um mundo desaparecido. Grandes vultos da egiptologia como Mariette, que agora se encontram envoltos pela aura da lenda, são, no texto queirosiano, apresentados quase em discurso directo e, ao seu bom estilo, não sem uma dose de sátira ou de ironia:

«Mariette é um homem extremamente sábio, paciente nos seus estudos como um beneditino. Porém, aquela vida explorações históricas não se passa toda na sombra pacífica de um gabinete, entre as almofadas de uma poltrona. Passa-se no deserto, na tenda, penetrando nas velhas caves dos sepulcros, expulsando os escorpiões e as víboras, lutando com as dificuldades. (...) É o amigo íntimo de todas as múmias».

O livro está recheado de apontamentos sobre a vida nas grandes cidades, como Alexandria e o Cairo, e inclui muitas referências aos costumes locais, o que lhe confere actualmente um interesse etnográfico. Acusando uma apurada sensibilidade às gentes e à terra, as descrições de Eça permitem-nos recuar no tempo e devolvem-nos a visão de um Egipto impoluto, ainda subordinado aos ritmos de um Nilo todo-poderoso que hoje se eclipsou por completo.